

Biografia renovada pelo acaso

MONICA WEINBERG

BRASÍLIA – O senador Saturnino Braga (PSB-RJ), a cabeça calva salpicada de alguns fios brancos, tem aos 70 anos a chance de apagar de vez uma antiga mancha em sua biografia: a má administração que realizou como prefeito da cidade do Rio de Janeiro, entre 1985 e 1988. Como relator do parecer que vai indicar a punição para os senadores Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF), no caso da violação do painel da votação que cassou Luiz Estevão, Saturnino deixou a postura que, de tão discreta, o faz figura coadjuvante no Senado, uma arena onde quase todo mundo quer ser protagonista. Tanto apareceu que conseguiu um feito inédito em seus quase 40 anos de vida pública. “Pela primeira vez na vida, as pessoas passaram a me parar no meio da rua, a bater papo”, diz.

Carioca nascido na Glória, Saturnino coleciona uma passagem como vereador do Rio, outra como deputado federal, três mandatos como senador, além da prefeitura. A vida pública, no entanto, nunca havia sido tão generosa nos holofotes. Nos tempos da prefeitura, é verdade, o rosto de Saturnino vivia estampado nos jornais. Invariavelmente, para ser torpedeado. Desta vez, com o caso do painel, há críticas positivas e negativas. Durante a acareação entre ACM, Arruda e a diretora do Prodasen, Regina Borges, Saturnino escutou elogios pelas perguntas firmes. No dia seguinte, depois de decidir adiar a entrega do relatório – após a antecipação do **JB** sobre seu conteúdo –, foi criticado por estar cedendo à pressão. “A demora favorece o ACM”, esbravejou o

senador Pedro Simon (PMDB-RS).

No Leblon, onde mora num apartamento de três quartos com a mulher de toda a vida, Eliana, 70 anos como ele, Saturnino tem um refúgio silencioso para escrever o resto do relatório. Mas a novidade da fama não o afastou da rotina carioca. Ele continua caminhando na Lagoa Rodrigo de Freitas de manhã cedo e frequentando as sessões de cinema do Estação Botafogo. Não reconhece de pronto a vaidade que a nova condição lhe traz. Chega a dizer que sua postura pouco agressiva é resultado até de falta de ambição. “Passei dos tempos da competição. Este é meu último mandato”, diz. Mas logo refaz o discurso. “Aprendi a gostar de poder, ele é afrodisíaco, dá uma sensação de euforia corpórea.”

De todas as lembranças, a que mais ferre seus sentimentos é a dos tempos à frente da prefeitura. Consagrado pelas urnas com a grande maioria dos votos, no vácuo do sucesso do então governador Leonel Brizola, de quem tornou-se correligionário no PDT, Saturnino experimentou a derrocada com a mesma intensidade. Rompeu com Brizola no meio do mandato e ficou sem apoio na Câmara de Vereadores. O resultado foi desastroso. Deixou a casa falida. Descobriu que não tinha jeito nem gosto para o Executivo. “Fiquei em luto 10 anos seguidos”, diz. “Quando saía à rua, o olhar das pessoas me doía fundo, parecia que todo mundo estava me dizendo, ‘Olha o pilantra que faliu a cidade’.”

Reclusão – O senador, diplomado em Engenharia e Economia, aposentado pelo BNDES, emagreceu 10 quilos, ficou com o rosto cadavérico e foi para casa sem emprego. Procurou conforto na filosofia, estudando Kant e Hegel como ouvinte de pós-graduação na UFRJ. Escreveu três livros, todos de ficção e com cenário carioca. Desfez-se do velho fusquinha bege com o qual despediu-se da Prefeitura, vaiado e acusado de demagogo. Meteu-se também num negócio de análise de notícias internacionais com um dos três fi-

lhos, o mais velho, Bruno, 40 anos, economista como o pai. Também não deu certo. “Ele passou muito tempo sem querer receber ninguém, nem para os animados almoços familiares que tínhamos”, conta Bruno.

Sem rumo, Saturnino só não abandonou os hábitos refinados. Sempre manteve em casa uma boa adega de vinhos, que sabe escolher a dedo. Aprendeu a combinar vinhos com boa comida, num ritual à mesa que, dependendo do papo, pode vir seguido de um dos cinco cigarros que fuma por dia, e que por vezes aliviam as dores da memória. Em seus Fuscas, Saturnino nunca deixou de ir ao Teatro Municipal, trajado com ternos bem cortados, escutar música clássica. Cantor lírico na juventude, a música sempre foi um refresco. “Sou barítono”, estufa o peito para dizer.

A volta por cima, depois da prefeitura, foi com um humilde mandato de vereador pelo PSB, partido pelo qual ingressou na política em 1962. O cinema, um de seus maiores passatempos; lhe inspira uma comparação com Forrest Gump, o personagem vivido por Tom Hanks que, por arte do destino, acabava, sorte ou azar, arremessado nos principais eventos da história americana. A sorte o hafejou na primeira eleição, quando acabou virando deputado federal seguindo os passos do pai. Foi alavancado pela votação estrondosa de Tenório Cavalcanti, que lançou-se candidato na mesma coligação. Jovem e inexperiente, foi o único deputado que, diante da recusa de todos os outros, aceitou ser presidente da CPI que condenou um contrato da TV Globo com o grupo Time-Life. Seu rosto sumiu da televisão, mas ganhou algum relevo entre os colegas ali.

Procurado pelo senador Ramez Tebet (PMDB-MS) para assumir o posto de relator no caso do painel, Saturnino titubeou. “Eu? Por que eu?” Seu nome havia sido cravado por exclusão. Aceitou, possivelmente sem perceber que este novo capítulo, pedregoso, pode mudar o rumo de sua biografia.